
Acto Falho é um informativo mensal produzido pelos alunos que participam da comissão de Publicação do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. A comissão editorial e equipe de produção são compostas por Monica Salgado, Marília Stabile, Vera Vassilieff, Ilka Nakamura, Marina Fibe de Cicco, Lucas de Almeida Nogueira, Maria Elisa Lucato e Plínio de Sousa. Se você quiser mandar artigos, sugestões, fazer comentários, solicitar cancelamento ou tiver problemas no recebimento do informativo eletrônico mande seu e-mail para actofalho@sedes.org.br

O BANQUETE E O PASSEIO(1) NA TRILHA DO “ÉDIPO HOJE”(2)

POR EDE DE OLIVEIRA SILVA

Ao ler o livro sobre a configuração do Édipo na atualidade veio à mente uma série de analogias que pedirei licença, utilizando a liberdade prosaica, para expor. Achei-o muito bom tanto do ponto de vista formal como do ponto de vista de conteúdo.

Em relação à forma, me senti deslizando em uma prosa como um barco o faz num lago de águas calmas. Não se lê como um texto acadêmico, mas sim um belo romance histórico à la Walter Scott (3). Garanto que foi uma viagem tranqüila e serena, mesmo que às vezes fosse balançada por uma marola ou uma brisa mais forte, mas isto tinha o objetivo de me manter mais atento e acordado, tamanha a “quietude” ansiosa.

Em relação ao conteúdo, foi mobilizada uma expectativa enorme e uma certa angústia, já a partir do título. Como se apresentaria o Édipo hoje? Vê-se que a autora já mostra na Introdução qual vai ser o cardápio de leitura esperado. Será que terei condições de percorrer todo este cardápio oferecido e delineado por pratos tão saborosos?

No capítulo I são servidos os petiscos à la Freud e é com grande satisfação que são recebidos. Um sabor novo nestes petiscos deu a exata medida do que estaria por vir. Já tinha experimentado três desses sabores correspondentes aos três momentos do Édipo em Freud e agora se apresenta mais um, o momento filogenético, perfazendo o total de quatro. O que só fez aumentar o apetite. Não querendo exagerar nos aperitivos, esperei, pois mais coisas viriam por aí.

No capítulo II é servido um couvert à la francesa, com vários sabores tais como: o de Rassial, Lebrum, Melman, Miller e o Lacan milleriano entre outros, cujos temperos inicialmente se apresentavam como muito gostosos, mas que no final deixavam um sabor amargo de orfandade na boca. Eles como profetas do apocalipse clamavam e apontavam a catástrofe iminente que iria cair sobre a humanidade. As mortes de Deus, do Rei, do Pai, do Estado e das Utopias iriam deixar um vazio de uma terra sem lei. A hierarquia destroçada levaria a sociedade ao caos e à barbárie. A continuidade da leitura veio acalmar o medo e a angústia despertados por tais tenebrosas revelações, alimentando a possibilidade de que este sabor amargo pudesse passar gradativamente.

No capítulo III os pratos secundários começaram a chegar mas não serenaram as minhas angústias. Temperados com Birman, Gondor, Antunes e Coelho Santos e várias outras especiarias, acentuaram aquele gosto do couvert, dando-me poucas esperanças pelo que estaria por vir. O Pai está enfraquecido, e o vazio da escuridão pode se instalar. Esta possibilidade estaria pairando no ar sobre nossas cabeças como uma espada de Dâmocles. A possibilidade, então, de haver queda livre no vácuo eterno clamado

por aqueles profetas parece mais concreta. Outras cordas de sustentação seriam necessárias para evitar tal catástrofe e com isto impedir um destino tão funesto. E de onde elas viriam? Outros pratos foram chegando à mesa com sabores diferentes dos anteriores, mas com a função de nos proporcionar um paladar que tivesse um novo sabor e com isso, afastar aqueles fantasmas que de vez em quando voltavam para assustar. Pratos estes que, regados com novos molhos tais como Agamben, Foucault, Deleuze, Hardt e Zizec, surgiam para dar a certeza de que a queda da relação hierárquica vertical não vai ser substituída pela horizontal. Quase pleno por um jantar tão lauto, fez-se uma pequena pausa para ser servido um vinho francês com um sabor muito especial de nome Michel Tort, que teria a função de um digestivo e com isto abrir caminho para o prato principal.

O capítulo IV foi todo regado por esse vinho, cujo bouquet, cor e sabor eram tranqüilizantes. Os fantasmas começaram a ser varridos junto com o apocalipse, como no conto de Oscar Wild (4) onde o fantasma tricentenário de um castelo não podendo mais assombrar os moradores resolveu morrer, pois a sua existência não tinha mais sentido. Esse fantasma morreu, mas o seu lugar não ficou vazio pois outros pequenos fantasmas surgiram para substituí-lo. Enquanto ele viveu desempenhou as suas funções de uma maneira exemplar. Temos de render uma homenagem a ele e não tentar ressuscitá-lo como a única condição possível de subjetivação, por conta de um saudosismo ou conservadorismo, pois, é até compreensível, afinal de contas ele era um fantasma conhecido. O vinho estava delicioso, mas existia uma pequena discrepância, algo no ar, que não harmonizava completamente com o sabor do prato principal, mas foi um belo preâmbulo.

O capítulo V surge dando mais esperanças, pois traz uma expectativa menos tenebrosa. Este capítulo nos regala com algo que ultrapassou de muito os sabores e os aromas anteriores. Ele vem fumegante regado com um molho especial e sui-generes. O ambiente foi preenchido pelo aroma intenso, forte e podendo assim distinguir várias nuances que aumentaram as nossas esperanças. Este prato exclusivo trouxe uma notícia por demais aguardada. A hierarquia não vai se acabar. O holofote que iluminava de cima e que tinha as funções de proteção, controle e modelo vai sofrer uma transformação. Esse foco luminoso vertical que expressava o poder divino, soberano e pátrio cumpriu a sua missão. Como delegados souberam desempenhá-las exemplarmente. Os tempos mudaram e novas demandas foram acrescentadas às já existentes. Face a isto, o holofote começa a perder a sua intensidade e com isto, vai cedendo seu lugar para algo diferente. São agora vários focos que surgem de todos os lados. Os pequenos focos agora iluminam em todas as direções. Se antes podia-se escapar momentaneamente e entrar no escurinho e assim cometer algumas pequenas transgressões, agora as luzes incidem por todos os lados. Aquele foco único foi estilhaçado, desmembrado e substituído por dezenas, centenas, milhares de pequenos focos. A emenda ficou pior que o soneto! A somatória de todos esses focos deu uma intensidade luminosa muito maior. Não existe mais lugar para onde se esconder. A verticalidade foi transformada em obliquidades. Os focos agora oblíquos (hierarquia) iluminam, vigiam e controlam por todos os cantos. Como um Peter Pan (5) sem sombras, caminha-se exposto e desnudado. Os segredos e a privacidade foram para o espaço. Sente-se como se estivesse no centro de um campo de futebol ou num anfiteatro todo iluminado, observado por todos os lados de maneira que nenhum movimento passaria despercebido (está virando paranóia?). Os estilhaços do pai se encontram em cada esquina para nos vigiar e controlar, como “Os Mil Olhos de Dr. Mabuse”(6). Parece que George Orwell(7) tinha razão! Mas apesar de tudo isso ainda pode-se respirar e dormir tranqüilos pois aquela subjetivação está resguardada.

Ah! O Édipo não morreu (tanto o estrito como o amplo), a hierarquia não findou, foi simplesmente modificada. O caos apocalíptico não virá. Diante de tudo isto continuamos saboreando o vinho, mesmo com uma discreta desarmonia em relação ao sabor do prato principal. Talvez o único vinho compatível fosse o vinho artesanal exclusivo da casa, mas isto já é exigir demais. A expectativa de um lauto jantar se transformou num magnífico banquete e pantagruelicamente foi ingerido.

As “novas” patologias são os reflexos do passado, a prevalência foi que mudou.

Para não bastar ainda houve um percurso histórico das aquisições das mulheres no século passado ultrapassando em muito

tudo que dizia respeito nos últimos milênios.

Nas Conclusões, foi servida uma deliciosa sobremesa que de certa maneira veio coroar este momento tão especial. Ela tinham a função de, resumidamente, mostrar todo esse trajeto. A surpresa ainda não tinha acabado, pois um magnífico licor foi servido com um aroma de uma extraordinária bibliografia.

Da escuridão pessimista surgiu uma luz de otimismo, mesmo que tenha de pagar um preço elevado, mas impediu de enveredar por uma trilha perversa e psicótica. Hoje as “Novas” patologias que enchem os consultórios estão usando uma “nova”roupagem, porém com a mesma metodologia onde o corpo, a ação e os sentimentos(8) tentam dar conta deste excesso de luz.

(1) Versão modificada do texto enviado à autora após a leitura da sua tese “Complexo de Édipo Hoje”.

(2) Migueles, B.S.N. Complexo de Édipo : novas patologias, novas mulheres, novos homens. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2007.

(3) Walter Scott (1771-1832)- Escritor Inglês criador do Romance Histórico.

(4) Wild, O. O fantasma de Canterville. In Contos. São Paulo: Ed. Cultrix,1986.

(5)Barrie, J.M. Peter Pan e Wendy. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2005

(6) Os Mil Olhos de Dr. Mabuse. Filme dirigido por Fritz Lang, 1960.

(7) Orwell,G. 1984. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 1980.

(8) Birman,J. Reviravoltas na Soberania. In IRAM, M.(org) . Soberanias.Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

e- mail: 160783@uol.com.br

“QUARTO PÉ” DA FORMAÇÃO ANALÍTICA.

Nada mais adequado que o contexto de “Acto Falho” para conversar um pouco sobre o tema da formação do analista. Talvez vocês imaginem que é pertinente porque muitos de vocês ainda estão “em formação”. Porém, não é nisso que estou pensando. Gostaria de falar de um certo ideal de analista: aquele para o qual a formação é permanente. Desde esse ponto de vista, estamos juntos no mesmo barco, o pessoal do primeiro ano e os mais antigos membros. Por isso, gostaria de ir além da referência à “formação clássica” e atualizar a interrogação por essa formação permanente.

Poderíamos comparar a formação clássica, na sua versão mais extrema, com o trabalho de aprendizado no interior de uma oficina artesanal da Idade Média. Os mistérios do ofício passam, em forma pessoal, de experientes para novatos, e o uso

das ferramentas e dos materiais deixa traços na própria carne. Existe um saber já consagrado, pronto e acabado e a tarefa do aprendiz é dominá-lo. Esse é um modelo patriarcal que estimula a submissão e a paciência... tanto quanto o parricídio.

A “formação clássica” é definida em relação a um tripé famoso: análise didática, supervisão individual e estudo da teoria psicanalítica, no interior de um marco de controle institucional.

Muitas são as críticas que podemos dirigir a um tal modelo: autoritário, esterilizante, obsessivo, produtor de “igrejinhas” que são ilhas de intolerância. Não me parece necessário entrar no detalhe dessas críticas porque existe um excesso de bibliografia a esse respeito. Mas é importante salientar que é em boa parte por causa delas que a proposta de formação pode ser outra.

Assim, a análise continua a ser indispensável para o analista: é sua marca distintiva. Como poderia ser de outro modo para quem lida com o Inconsciente? E isso não só na época de sua “formação” dentro de uma instituição mas também, no mínimo, tantas vezes na vida quanto seu sofrimento e sua ética o indiquem. Já falar de uma análise “didática” é distorcer a função pessoal dessa análise. A escolha a respeito do próprio analista – suas características subjetivas, sua trajetória profissional, sua instituição de origem, sua orientação teórica- deve ser absolutamente livre e pessoal. Praticamente a mesma coisa pode se dizer em relação à supervisão individual.

Quanto à transmissão da teoria, é bom contar com um amplo leque: freudianos, kleinianos, lacanianos, bionianos, winnicotianos, etc. que assumam com transparência sua opção. Se Freud, Klein e talvez Lacan são as chaves mestras que abrem essas portas, os caminhos possíveis ficam abertos para quem quiser percorrê-los.

Porém, o mais importante é que a formação não poderia ficar restrita ao tripé clássico, mesmo que fosse democrático e aberto. Se o esforço se reduzisse a isso, estaríamos, sem perceber, aceitando o suposto de um saber já estabelecido e consagrado, que uma vez apreendido, nos deixa “prontos”. Onde ficaria, a atualização com novos pontos de vista e problemáticas, a informação do que muda ou é questionado em nosso campo, a crítica do que já existe? Onde esse espaço para refletir e questionar junto dos colegas, tanto aqueles que acabam de ingressar quanto aqueles que estão na cúpula ou são membros de outra instituição? E para o diálogo com outras disciplinas? Para isso temos necessidade de eventos, jornadas, mesas redondas, publicações, grupos de trabalho, de pesquisa, congressos, etc. É necessário que a instituição os propicie. Mas também é importante se manter informado e participar do que outros grupos organizam, do que se publica em nossa área, do que se discute na atualidade.

Toda essa atividade, definida como o espaço de intercâmbio com os colegas, do interior ou do exterior da instituição é o que podemos denominar o “quarto pé” da formação psicanalítica. E não vale “deixar para depois” da “formação”, já que desse “quarto pé” depende a riqueza e a amplitude de perspectiva com a qual se CONSTRUIRÁ a formação, que é um assunto de cada um e não da instituição a que se está mais ou menos filiado e que terá – todas tem- seus valores positivos e suas limitações.

O problema que coloco não está somente ligado ao desejo de propiciar um modelo de formação que se proponha não ser autoritário, paternalista, intolerante ou fechado para ser democrático ou politicamente correto. O verdadeiramente importante é que nós lidamos com o Inconsciente e o Inconsciente e suas formações mudam com as diferentes épocas históricas, mudam junto com a cultura. Mudam também, portanto, as patologias. É queixa corrente entre os psicanalistas que já não existem neuróticos como os de antigamente, pelo menos na sua sintomatologia. Nosso tempo tem desgastado a figura do pai e ela já não é a única a preencher a função paterna e a organizar os destinos e as neuroses dos sujeitos, como outrora o fazia. Não me refiro somente ao valor ascendente da figura feminina. Falo também da “cultura do espetáculo”, da influência da TV a reger modelos de vida e ideais, da difusão dos modelos da tecno-ciência, da mídia publicitária, do estímulo ao individualismo, ao consumo ou ao culto do corpo em nossa cultura globalizada.

Nesse contexto, uma instituição de formação que fosse imaginada como “dona do saber” resultaria anacrônica e nos deixaria despreparados, cindidos, até deformados, incapazes de ter acesso às mudanças contínuas que a cultura imprime no Inconsciente dos sujeitos que nela se constituem. Que existe de inédito na angústia da mãe de um “bebê de proveta”? E nos anseios do casal homossexual que quer o “papel passado” e a adoção? Na viúva recente que não quer saber de “trabalho de luto” e reivindica antidepressivos para sua dor? E a anoréxica ou o “panicado”? E o adolescente que vive seu dia dentro do computador?

Não serve fugir para uma formação iludida por um pretense saber do já estabelecido: é sem dúvida necessário conhecer a fundo as tradições de nosso ofício. Mas ficar passivos nessa única perspectiva, só pode fazer obstáculo a nosso trânsito. Um modo de trabalhar essa relativa orfandade é pensar na possibilidade de que seja a fraternidade e não somente a filiação aquilo que nos permita ser analistas (sempre em formação) de nossos contemporâneos. É essa fraternidade, que não significa necessariamente harmonia e concordância, concretizada no diálogo com os colegas, velhos ou novos, de “dentro” ou de “fora”, aquilo que podemos chamar de “quarto pé”. E se realmente pensamos que esse “quarto pé” existe, não é possível deixá-lo para “depois”, para quando já se saiba “tudo”...

LANÇAMENTO DOS CADERNOS DA CEPPAN: REVISTA DE TRANSTORNOS ALIMENTARES

POR VERA VASSILIEFF

No final da década de noventa, as psicanalistas Ana Paula Gonzaga e Cybelle Weinberg deram início a um grupo de estudos no Departamento de Formação em Psicanálise, do qual elas são membros efetivos, com o propósito de discutir transtornos alimentares. Esse grupo de estudos foi fertilizado com idéias de diferentes profissionais da área e de alunos se tornando a Clínica de Estudos e Pesquisa em Psicanálise da Anorexia e Bulemia, a CEPPAN.

Hoje, este grupo se dedica ao estudo sistemático de Transtornos Alimentares e mantém atendimento clínico tendo já triado cerca de 100 pacientes, os quais em grande parte recebem acompanhamento gratuito. Uma outra forma de atendimento tem sido oferecida através de um grupo psicoeducativo para familiares e cuidadores de pacientes, que tem por objetivo orientar e esclarecer os riscos do quadro. O grupo conta com cerca de vinte profissionais que atendem em seus consultórios, promovem palestras e cursos e oferecem supervisões clínicas e grupos de estudos.

Como consequência desse trabalho continuado, a CEPPAN vem amalhando notório conhecimento que, frente a importância e urgência destas patologias, exige ampla divulgação com a finalidade alcançar o público especializado e também o leigo. Dentre os diferentes veículos de comunicação, foi lançado, num agradável coquetel ocorrido no último 29 de março, os CADERNOS DA CEPPAN, uma revista que aborda os Transtornos Alimentares nos seus mais variados aspectos.

Os CADERNOS DA CEPPAN, uma publicação trimestral, tem por meta consolidar e dar novo impulso à publicação dos

conhecimentos adquiridos e abrir um espaço de interlocução com os profissionais interessados nos Transtornos Alimentares.

No seu primeiro número, março de 2008, foi publicado um artigo de grande interesse psicanalítico: “Abordagem psicanalítica dos Transtornos Alimentares”. Neste, é realçada a indicação da terapêutica psicanalítica sendo recomendada uma articulação com equipe multidisciplinar, considerando-se as complicações clínicas e de risco que não podem ser negligenciadas. O artigo reporta-se ao sintoma do ponto de vista psicanalítico como sendo “uma solução de compromisso entre o desejo inconsciente e a censura psíquica, ou seja, um representante desse conflito. Se eliminado, mas não resolvido o conflito subjacente a ele, o sintoma pode retornar ou ser substituído por um outro, diferente. As crises bulímicas e a recusa anoréxica podem ser compreendidas como comportamentos que substituem a elaboração psíquica esperada na resolução de conflitos intrapsíquicos. Por isso os sintomas característicos da Anorexia e da bulimia podem ter uma variedade de significados, desde dificuldades nos processos de individuação próprios da adolescência, até sensibilidade a mudanças socioculturais.” (CADERNOS DA CEPPAN, número um, março de 2008, COBELO e cols., p. 4 -5).

Parabéns CEPPAN, pela excelente revista de divulgação científica!

Vera Vassilieff

veravassilieff@ajato.com.br

Entrevista com Freud concedida ao jornalista George Sylvester Viereck - Alpes Austríacos – 1926

O VALOR DA VIDA

** UMA ENTREVISTA RARA DE FREUD **

Entre as preciosidades encontradas na biblioteca da Sociedade Sigmund Freud está essa entrevista. Foi concedida ao jornalista americano George Sylvester Viereck, em 1926. Deve ter sido publicada na imprensa americana da época. Acreditava-se que estivesse perdida, quando o Boletim da Sigmundo Freud Haus publicou uma versão condensada, em 1976. Na verdade, o texto integral havia sido publicado no volume Psychoanalysis and the Fut** número especial do “Journal of Psychology”, de Nova Iorque, em 1957. É esse texto que aqui reproduzimos, provavelmente pela primeira vez em português.

Tradução de Paulo César Souza.

S. Freud: Setenta anos ensinaram-me a aceitar a vida com serena humildade.

(Quem fala é o professor Sigmund Freud, o grande explorador da alma. O cenário da nossa conversa foi uma casa de verão no Semmering, uma montanha nos Alpes austríacos. Eu havia visto o pai da psicanálise pela última vez em sua casa modesta

na capital austríaca. Os poucos anos entre minha última visita e a atual multiplicaram as rugas na sua frente. Intensificaram a sua palidez de sábio. Sua face estava tensa, como se sentisse dor. Sua mente estava alerta, seu espírito firme, sua cortesia impecável como sempre, mas um ligeiro impedimento da fala me perturbou. Parece que um tumor maligno no maxilar superior necessitou ser operado. Desde então Freud usa uma prótese, para ele uma causa de constante irritação).

S. Freud: Detesto o meu maxilar mecânico, porque a luta com o aparelho me consome tanta energia preciosa. Mas prefiro-o a maxilar nenhum. Ainda prefiro a existência à extinção. Talvez os deuses sejam gentis conosco, tornando a vida mais desagradável à medida que envelhecemos. Por fim, a morte nos parece menos intolerável do que os fardos que carregamos.

(Freud se recusa a admitir que o destino lhe reserve algo especial).

Por que (disse calmamente) deveria eu esperar um tratamento especial? A velhice, com sua agruras, chega para todos. Eu não me rebelo contra a ordem universal. Afinal, mais de setenta anos. Tive o bastante para comer. Apreciei muitas coisas – a companhia de minha mulher, meus filhos, o pôr-do-sol. Observei as plantas crescerem na primavera. De vez em quando tive uma mão amiga para apertar. Vez ou outra encontrei um ser humano que quase me compreendeu. Que mais posso querer?

George Sylvester Viereck :** O senhor teve a fama. Sua obra prima influi na literatura de cada país. O homem olha a vida e a si mesmo com outros olhos, por causa do senhor. E recentemente, no seu septuagésimo aniversário, o mundo se uniu para homenageá-lo – com exceção da sua própria Universidade.

S. Freud: Se a Universidade de Viena me demonstrasse reconhecimento eu ficaria embaraçado. Não há razão em aceitar a mim e a minha obra porque tenho setenta anos. Eu não atribuo importância insensata aos decimais. A fama chega apenas quando morremos e, francamente, o que vem depois não me interessa. Não aspiro à glória póstuma. Minha modéstia não é virtude.

George Sylvester Viereck: Não significa nada o fato de que seu nome vai viver?

S. Freud: Absolutamente nada, mesmo que ele viva o que não é certo. Estou bem mais preocupado com o destino dos meus filhos. Espero que suas vidas não venham a ser difíceis. Não posso ajudá-los muito. A guerra praticamente liquidou minhas posses, o que havia poupado durante a vida. Mas posso me dar por satisfeito. O trabalho é minha fortuna.

(Estávamos subindo e descendo uma pequena trilha no jardim da casa. Freud acariciou ternamente um arbusto que florescia).

S. Freud: Estou muito mais interessado neste botão do que no que possa me acontecer depois que estiver morto.

George Sylvester Viereck: Então o senhor é, afinal, um profundo pessimista?

S. Freud: Não, não sou. Não permito que nenhuma reflexão filosófica estrague a minha fruição das coisas simples da vida.

George Sylvester Viereck: O senhor acredita na persistência da personalidade após a morte, de alguma forma que seja?

S. Freud: Não penso nisso. Tudo o que vive perece. Porque deveria o homem constituir uma exceção?

George Sylvester Viereck: Gostaria de retornar em alguma forma, de ser resgatado do pó? O senhor não tem, em outras palavras, desejo de imortalidade?

S. Freud: Sinceramente não. Se a gente reconhece os motivos egoístas por trás da conduta humana, não tem o mínimo desejo de voltar à vida; movendo-se num círculo, seria ainda a mesma. Além disso, se o eterno retorno das coisas, para usar a expressão de Nietzsche, nos dotasse novamente do nosso invólucro carnal, para que serviria, sem memória? Não haveria elo entre passado e futuro. Pelo que me toca, estou perfeitamente satisfeito em saber que o eterno aborrecimento de viver finalmente passará. Nossa vida é necessariamente uma série de compromissos, uma luta interminável entre o ego e seu ambiente. O desejo de prolongar a vida excessivamente me parece absurdo.

George Sylvester Viereck: Bernard Shaw sustenta que vivemos muito pouco. Ele acha que o homem pode prolongar a vida se assim desejar, levando sua vontade a atuar sobre as forças da evolução. Ele crê que a humanidade pode reaver a longevidade dos patriarcas.

S. Freud: É possível que a morte em si não seja uma necessidade biológica. Talvez morramos porque desejamos morrer. Assim como amor e ódio por uma pessoa habitam em nosso peito ao mesmo tempo, assim também toda a vida conjuga o desejo da própria destruição. Do mesmo modo como um pequeno elástico esticado tende a assumir a forma original, assim também toda a matéria viva, consciente ou inconscientemente, busca readquirir a completa, a absoluta inércia da existência inorgânica. O impulso de vida e o impulso de morte habitam lado a lado dentro de nós. A Morte é a companheira do Amor. Juntos eles regem o mundo. Isto é o que diz o meu livro: Além do Princípio do Prazer. No começo, a psicanálise supôs que o Amor tinha toda a importância. Agora sabemos que a Morte é igualmente importante. Biologicamente, todo ser vivo, não importa quão intensamente a vida queime dentro dele, anseia pelo Nirvana, pela cessação da “febre chamada viver”, anseia pelo seio de Abraão. O desejo pode ser encoberto por digressões. Não obstante, o objetivo derradeiro da vida é a sua própria extinção.

George Sylvester Viereck: Isto é a filosofia da autodestruição. Ela justifica o auto-extermínio. Levaria logicamente ao suicídio universal imaginado por Eduard von Hartmann.

S. Freud: A humanidade não escolhe o suicídio porque a lei do seu ser desaprova a via direta para o seu fim. A vida tem que completar o seu ciclo de existência. Em todo ser normal, a pulsão de vida é forte o bastante para contrabalançar a pulsão de morte, embora no final esta resulte mais forte. Podemos entreter a fantasia de que a Morte nos vem por nossa própria vontade. Seria mais possível que pudéssemos vencer a Morte, não fosse por seu aliado dentro de nós. Neste sentido (acrescentou Freud com um sorriso) pode ser justificado dizer que toda a morte é suicídio disfarçado.

(Estava ficando frio no jardim. Prosseguimos a conversa no gabinete. Vi uma pilha de manuscritos sobre a mesa, com a caligrafia clara de Freud).

George Sylvester Viereck: Em que o senhor está trabalhando?

S. Freud: Estou escrevendo uma defesa da análise leiga, da psicanálise praticada por leigos. Os doutores querem tornar a análise ilegal para os não médicos. A História, essa velha plagiadora, repete-se após cada descoberta. Os doutores combatem cada nova verdade no começo. Depois procuram monopolizá-la.

George Sylvester Viereck: O senhor teve muito apoio dos leigos?

S. Freud: Alguns dos meus melhores discípulos são leigos.

George Sylvester Viereck: O senhor está praticando muito psicanálise?

S. Freud: Certamente. Neste momento estou trabalhando num caso muito difícil, tentando desatar conflitos psíquicos de um interessante novo paciente. Minha filha também é psicanalista, como você vê...

(Nesse ponto apareceu Miss Anna Freud, acompanhada por seu paciente, um garoto de onze anos, de feições inconfundivelmente anglo-saxônicas).

George Sylvester Viereck: O senhor já analisou a si mesmo?

S. Freud: Certamente. O psicanalista deve constantemente analisar a si mesmo. Analisando a nós mesmos, ficamos mais capacitados a analisar os outros. O psicanalista é como bode expiatório dos hebreus. Os outros descarregam seus pecados sobre ele. Ele deve praticar sua arte à perfeição para desvencilhar-se do fardo jogado sobre ele.

George Sylvester Viereck: Minha impressão é de que a psicanálise desperta em todos que a praticam o espírito da caridade cristã. Nada existe na vida humana que a psicanálise não possa nos fazer compreender. “Tout comprendre c’est tou pardonner”.

S. Freud: Pelo contrário (esbravejou Freud – suas feições assumindo a severidade de um profeta hebreu), compreender tudo não é perdoar tudo. A análise nos ensina não apenas o que podemos suportar, mas também o que podemos evitar. Ela nos diz o que deve ser eliminado. A tolerância com o mal não é de maneira alguma corolário do conhecimento.

(Compreendi subitamente porque Freud havia litigado com os seguidores que o haviam abandonado, porque ele não perdoa a sua dissensão do caminho reto da ortodoxia psicanalítica. Seu senso do que é direito é herança dos seus ancestrais. Uma herança de que ele se orgulha como se orgulha de sua raça).

S. Freud: Minha língua é o alemão. Minha cultura, minha realização é alemã. Eu me considero um intelectual alemão, até perceber o crescimento do preconceito anti-semita na Alemanha e na Áustria. Desde então prefiro me considerar judeu.

(Fiquei algo desapontado com esta observação. Parecia-me que o espírito de Freud deveria habitar nas alturas, além de qualquer preconceito de raças, que ele deveria ser imune a qualquer rancor pessoal. No entanto, precisamente a sua indignação, a sua honesta ira, tornava-o mais atraente como ser humano. Aquiles seria intolerável, não fosse por seu calcanhar!)

George Sylvester Viereck: Fico contente, Herr Professor, de que também o senhor tenha seus complexos, de que também o senhor demonstre que é um mortal!

S. Freud: Nossos complexos são a fonte de nossa fraqueza; mas, com frequência, são também a fonte de nossa força.

George Sylvester Viereck: Imagino, observei, quais seriam os meus complexos!

S. Freud: Uma análise séria dura ao menos um ano. Pode durar mesmo dois ou três anos. Você está dedicando muitos anos de sua vida à “caça aos leões”. Você procurou sempre as pessoas de destaque para a sua geração: Roosevelt, o Imperador, Hindenburgh, Briand, Foch, Joffre, Georg Bernard Shaw...

George Sylvester Viereck: É parte do meu trabalho.

S. Freud: Mas é também sua preferência. O grande homem é um símbolo. A sua busca é a busca do seu coração. Você está procurando o grande homem para tomar o lugar do seu pai. É parte do seu “complexo do pai”.

(Neguei veementemente a afirmação de Freud. No entanto, refletindo sobre isso, parece-me que pode haver uma verdade, ainda não suspeitada por mim, em sua sugestão casual. Pode ser o mesmo impulso que me levou a ele. Gostaria, observei após um momento, de poder ficar aqui o bastante para vislumbrar o meu coração através dos seus olhos. Talvez, como a Medusa, eu morresse de pavor ao ver minha própria imagem! Entretanto, receio ser muito informado sobre a psicanálise. Eu freqüentemente anteciparia, ou tentaria antecipar suas intenções).

S. Freud: A inteligência num paciente não é um empecilho. Pelo contrário, às vezes facilita o trabalho.

(Nesse ponto o mestre da psicanálise diverge muito dos seus seguidores, que não gostam de excessiva segurança do paciente sob o seu escrutínio).

George Sylvester Viereck: Às vezes imagino se não seríamos mais felizes se soubéssemos menos dos processos que dão forma a nossos pensamentos e emoções. A psicanálise rouba a vida do seu último encanto, ao relacionar cada sentimento ao seu original grupo de complexos. Não nos tornamos mais alegres descobrindo que nós todos abrigamos o criminoso e o animal.

S. Freud: Que objeção pode haver contra os animais? Eu prefiro a companhia dos animais à companhia humana.

George Sylvester Viereck: Por que?

S. Freud: Porque são tão mais simples. Não sofrem de uma personalidade dividida, da desintegração do ego, que resulta da tentativa do homem de adaptar-se a padrões de civilização demasiado elevados para o seu mecanismo intelectual e psíquico. O selvagem, como o animal, é cruel, mas não tem a maldade do homem civilizado. A maldade é a vingança do homem contra a sociedade, pelas restrições que ela impõe. As mais desagradáveis características do homem são geradas por esse ajustamento precário a uma civilização complicada. É o resultado do conflito entre nossos instintos e nossa cultura. Muito mais desagradáveis são as emoções simples e diretas de um cão, ao balançar a cauda, ou ao latir expressando seu desprazer. As emoções do cão (acrescentou Freud pensativamente) lembram-nos os heróis da Antiguidade. Talvez seja essa a razão por que inconscientemente damos aos nossos cães nomes de heróis como Aquiles e Heitor.

George Sylvester Viereck: Meu cachorro é um dobermann Pinscher chamado Ajax.

S. Freud: (sorrindo) Fico contente de que não possa ler. Ele certamente seria um membro menos querido da casa, se pudesse latir sua opinião sobre os traumas psíquicos e o complexo de Édipo!

George Sylvester Viereck: Mesmo o senhor, Professor, sonha a existência complexa demais. No entanto, parece-me que o senhor seja em parte responsável pelas complexidades da civilização moderna. Antes que o senhor inventasse a psicanálise, não sabíamos que nossa personalidade é dominada por uma hoste beligerante de complexos muito questionáveis. A psicanálise torna a vida um quebra-cabeça complicado.

S. Freud: De maneira alguma. A psicanálise torna a vida mais simples. Adquirimos uma nova síntese depois da análise. A psicanálise reordena um emaranhado de impulsos dispersos, procura enrolá-los em torno do seu carretel. Ou, modificando a metáfora, ela fornece o fio que conduz a pessoa fora do labirinto do seu inconsciente

George Sylvester Viereck: Ao menos na superfície, porém, a vida humana nunca foi mais complexa. E a cada dia alguma nova idéia proposta pelo senhor ou por seus discípulos torna o problema da condução humana mais intrigante e mais contraditório.

S. Freud: A psicanálise, pelo menos, jamais fecha a porta a uma nova verdade.

George Sylvester Viereck: Alguns dos seus discípulos, mais ortodoxos do que o senhor, apegando-se a cada pronunciamento que sai da sua boca.

S. Freud: A vida muda. A psicanálise também muda. Estamos apenas no começo de uma nova ciência.

George Sylvester Viereck: A estrutura científica que o senhor ergueu me parece ser muito elaborada. Seus fundamentos – a teoria do “deslocamento”, da “sexualidade infantil”, do “simbolismo dos sonhos”, etc – parecem permanentes.

S. Freud: Eu repito, porém, que nós estamos apenas no início. Eu sou apenas um iniciador. Consegui desencavar monumentos soterrados nos substratos da mente. Mas ali onde eu descobri alguns templos, outros poderão descobrir continentes.

George Sylvester Viereck: O senhor ainda coloca a ênfase, sobretudo no sexo?

S. Freud: Respondo com as palavras do seu próprio poeta, Walt Whitman: “Mas tudo faltaria se faltasse o sexo” (Yet all were lacking, if sex were lacking). Entretanto, já lhe expliquei que agora coloco ênfase quase igual naquilo que está “além” do prazer – a morte, a negociação da vida. Este desejo explica por que alguns homens amam a dor – como um passo para o aniquilamento! Explica por que os poetas agradecem a

Whatever gods there be,
That no life lives forever
And even the weariest river
Wind somewhere safe to sea.

(Quaisquer deuses que existam/ Que a vida nenhuma viva para sempre/ Que os mortos jamais se levantem**/ E também o rio mais cansado/ Deságüe tranqüilo no mar).

George Sylvester Viereck: Shaw, como o senhor, não deseja viver para sempre, mas à diferença do senhor, ele considera o sexo desinteressante.

S. Freud: (sorrindo) Shaw não compreende o sexo. Ele não tem a mais remota concepção do amor. Não há um verdadeiro caso amoroso em nenhuma de suas peças. Ele faz brincadeira do amor de Júlio César – talvez a maior paixão da História. Deliberadamente, talvez maliciosamente, ele despe Cleópatra de toda grandeza, reduzindo-a a uma insignificante garota. A razão para a estranha atitude de Shaw diante do amor, para a sua negação do móvel de todas as coisas humanas, que tira de suas peças o apelo universal, apesar do seu enorme alcance intelectual, é inerente à sua psicologia. Em um de seus prefácios, ele mesmo enfatiza o traço ascético do seu temperamento. Eu posso ter errado em muitas coisas, mas estou certo de que não errei ao enfatizar a importância do instinto sexual. Por ser tão forte, ele se choca sempre com as convenções e salvaguardas da civilização. A humanidade, em uma espécie de autodefesa, procura sua importância. Se você arranhar um russo, diz o provérbio, aparece o tártaro sob a pele. Analise qualquer emoção humana, não importa quão distante esteja da esfera da sexualidade, e você certamente encontrará esse impulso primordial, ao qual a própria vida deve a perpetuação.

George Sylvester Viereck: O senhor, sem dúvida, foi bem sucedido em transmitir esse ponto de vista aos escritores modernos. A psicanálise deu novas intensidades à literatura.

S. Freud: Também recebeu muito da literatura e da filosofia. Nietzsche foi um dos primeiros psicanalistas. É surpreendente até que ponto a sua intuição prenuncia as novas descobertas. Ninguém se apercebeu mais profundamente dos motivos duais da conduta humana, e da insistência do princípio do prazer em predominar indefinidamente. O Zaratustra diz: “A dor grita: Vai! Mas o prazer quer eternidade Pura, profundamente eternidade”. A psicanálise pode ser menos amplamente discutida na Áustria e na Alemanha do que nos Estados Unidos, a sua influência na literatura é imensa, porém. Thomas Mann e Hugo von Hofmannsthal muito devem a nós. Schnitzler percorre uma via que é, em larga medida, paralela ao meu próprio desenvolvimento. Ele expressa poeticamente o que eu tento comunicar cientificamente. Mas o Dr. Schnitzler não é apenas um poeta, é também um cientista.

George Sylvester Viereck: O senhor não é apenas um cientista, mas também um poeta. A literatura americana está impregnada da psicanálise. Hupert Hughes, Harvrey O’Higgins e outros fazem-se de seus intérpretes, É quase impossível abrir um novo romance sem encontrar referência à psicanálise. Entre os dramaturgos, Eugene O’Neill e Sydney Howard têm profunda dívida para com o senhor. A *The Silver Cord*, por exemplo, é simplesmente uma dramatização do complexo de Édipo.

S. Freud: Eu sei e apresento o cumprimento que há nessa constatação. Mas tenho receio da minha popularidade nos Estados Unidos. O interesse americano pela psicanálise não se aprofunda. A popularização leva à aceitação superficial sem estudo sério. As pessoas apenas repetem as frases que aprendem no teatro ou na imprensa. Pensam compreender algo da psicanálise porque brincam com seu jargão! Eu prefiro a ocupação intensa com a psicanálise, tal como ocorre nos centros europeus. A América foi o primeiro país a reconhecer-me oficialmente. A Clark University concedeu-me um diploma honorário quando eu ainda era ignorado na Europa. Entretanto, a América fez poucas contribuições originais à psicanálise. Os americanos são julgadores inteligentes, raramente pensadores criativos. Os médicos nos Estados Unidos, e ocasionalmente também na Europa, procuram monopolizar para si a psicanálise. Mas seria um perigo para a psicanálise deixá-la exclusivamente nas mãos dos médicos, pois uma formação estritamente médica é, com frequência, um empecilho para a psicanálise. É sempre um empecilho, quando certas concepções científicas tradicionais ficam arraigadas no cérebro.

(Freud tem que dizer a verdade a qualquer preço! Ele não pode obrigar a si mesmo a agradar a América, onde está a maioria de seus seguidores. Apesar da sua integridade, Freud é a urbanidade em pessoa. Ele ouve pacientemente cada intervenção, não procurando jamais intimidar o entrevistador. Raro é o visitante que deixa sua presença sem algum presente, algum sinal de hospitalidade! Havia escurecido. Era tempo de eu tomar o trem de volta à cidade que uma vez abrigara o esplendor imperial dos Habsburgos. Acompanhado da esposa e da filha, Freud desceu os degraus que levavam do seu refúgio na montanha à rua, para me ver partir. Ele me pareceu cansado e triste, ao dar o seu adeus).

S. Freud: Não me faça parecer um pessimista (disse ele após o aperto de mão). Eu não tenho desprezo pelo mundo. Expressar desdém pelo mundo é apenas outra forma de cortejá-lo, de ganhar audiência e aplauso. Não, eu não sou um pessimista, enquanto tiver meus filhos, minha mulher e minhas flores! Não sou infeliz – ao menos não mais infeliz que os outros.

(O apito do meu trem soou na noite. O automóvel me conduzia rapidamente para a estação. Aos poucos o vulto ligeiramente curvado e a cabeça grisalha de Sigmund Freud desapareceram na distância).

POR QUE O CASO ISABELLA COMOVE OS PAULISTANOS?

POR ARMANDO COLOGNESE JUNIOR

Os livros e filmes que tocam a essência humana costumam ser mais comentados e até mais vendidos. Assim são também as tragédias e crimes.

No final do mês de março passado, uma menina de cinco anos morre. Causou mais espanto o fato de tudo indicar que ela foi atirada pela janela do sexto andar do apartamento em que morava com o pai, a madrasta e os dois irmãos menores do que ela. E mais, o pai e a madrasta são os suspeitos do crime.

Há um mês praticamente, a notícia não deixa de ser veiculada na mídia e comentada em todas as camadas da sociedade.

Uma reportagem realizada por uma emissora de televisão de grande porte tratou de pesquisar os motivos ou razões pelo qual as pessoas ficam sensibilizadas neste caso. E eu participei disto.

Minha compreensão segue a linha dos processos de identificação, devido às introjeções que ocorrem durante o processo de desenvolvimento infantil. Aliás, Melanie Klein (Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental – 1958) chamou nossa atenção para a importância do processo introjetivo e o colocou no mesmo nível de importância do projetivo, tão bem exposto por Freud ao longo de vários trabalhos.

A família apresenta à criança a vida em grupo, em sociedade; ela também apresenta valores cívicos, morais e o tipo de respeito devido e necessário ao outro. É uma micro sociedade, uma primeira experiência para a vida dentro da macro sociedade onde esta criança crescerá, se desenvolverá e ajudará a mantê-la e mudá-la.

Sabe-se que a família é um núcleo formador da vida afetiva dos humanos. E por isso mesmo acaba por ter sentido de sagrado; quer seja pela gratidão - por ter recebido a própria vida – quer seja pela ternura - transformação do amor pelos pais, inicialmente sexual, em posterior amor parental, fraternal. As religiões ajudaram muito aos humanos a manterem um tom de sagrado relacionado à família. Freud (1913) em Totem e Tabu nos mostra as questões da identificação e a necessidade do sagrado, bem como, a manutenção da vida através do respeito a normas reguladoras, respeito aos limites, ou simplesmente sobre a ética. Lembrando que a ética passa pelo temor da castração ou temor da retaliação.

Um caso que apresenta crueldade já chama muita atenção; se relacionados à criança e à família, torna-se ainda mais chamativo, curioso e mobiliza toda a sorte de sentimentos que os humanos possam ter, pois se trata de quebra do contrato com o sagrado. Refiro-me aqui à quebra do acordo que é instituído – como proibições do incesto, do parricídio, do fratricídio, da ameaça do equilíbrio conseguido com questões complexas e que, no mínimo, foram conflitivas até certo momento da vida de todos nós.

Tivemos família. Amorosa ou conflitiva, construtiva ou destrutiva, mesmo por ocasiões ou fases não importa, pois no inconsciente a contradição co-existe.

Fomos criança. Amadas ou rejeitadas; atendidas ou frustradas; inquietas ou tranquilas; irritadas ou irritadoras – mesmo por ocasiões ou fases.

Somos ou queremos ser pais. Com experiência ou fantasias, amorosas, educativas, normativas, democráticas, com autoridade ou com autoritarismo – mesmo por ocasião ou fases.

Alguns pacientes no meu consultório relataram-me que, além do horror referente a um crime chocante como este, tiveram também manifestações físicas, do tipo; náuseas, tonturas e dor de estômago. Convenhamos, são, respectivamente, formas de manifestar horror, atordoamento e a difícil aceitação (digestão) deste tipo de realidade. E é fato que o corpo fala, principalmente, quando a mente tem dificuldades de manter o pensamento verbal ou o desenvolvimento do pensamento.

As questões e os fatos de nosso desenvolvimento infantil e mesmo as experiências na juventude, permitem nos identificarmos com algumas questões que o caso Isabella levanta. E assim compreendo que esta é a possibilidade de qualquer identificação com as tramas pessoais e sociais bem contadas em livros, filmes ou ocorrências de tragédias em nossa sociedade.

CONVERSA COM O PÚBLICO

Para ilustrar a matéria do telejornalismo, saí pelas ruas conversando com pessoas sobre suas idéias e seus sentimentos sobre o caso. Todas as pessoas foram abordadas com as seguintes questões: Você tem acompanhado o caso Isabella? Como você se sentiu sabendo deste fato? Todas as pessoas com quem conversei disseram que não podiam compreender o fato, porém todas fizeram complementos indicando algum tipo de distanciamento com alguma possível identificação.

Relato aqui algumas destas conversas.

1 - Uma gerente de produção me relata que tem um enteado e que é incompreensível como alguém possa fazer mal a uma criança. “Mesmo que haja divergências, o que é comum com crianças, entre os casais e até mesmo entre a ex e a atual mulher do pai. Quando você assume um relacionamento com alguém que tem um filho, você deve estar preparada para assumir um lugar de mãe, mesmo não sendo a mãe biológica”.

Compreendi que houve uma identificação direta com o papel da madrasta e uma suspeita sobre a atual mulher do pai de Isabella. A expressão desta pessoa ao comentar o caso era de espanto e estranheza, como algo muito distante dela mesma, mesmo não sendo.

2 - Uma gerente industrial e sem filhos me relata, veementemente, que mora na região onde o crime ocorreu. Não compreende o que se passou de fato. E retoma os comentários geográficos. «É um bom local para se morar, de pessoas do bem. Sei onde é o prédio, conheço bem a região, sei até onde é a delegacia onde foi dada a queixa”. E finaliza dizendo que tudo é um horror.

Compreendi que a identificação foi estabelecida pelo bairro. A proximidade geográfica levou-a a sentir-se muito próxima do fato. Muito provavelmente, por ter crescido na região, não compreende como um local de tão boas lembranças infantis pôde produzir cenas de horror como esta.

3 - Rapidamente um casal com dois filhos, sem muita disponibilidade para conversar, apenas comenta (ela) que é algo inimaginável, uma tragédia, um horror. Já ele arremata com um chiste sarcástico: “Vamos e venhamos, a criança era barulhenta. Isto atordoava qualquer um!”. Claro que levou uma bolsada da esposa, que indignada interrompe a conversa apenas com um: “Faça-me o favor...Vamos embora!”

A compreensão não é muito difícil já que aprendemos a lição de Freud sobre ‘O chiste e suas relações com o inconsciente’ (1905). Foi realmente atordoante ouvir isto!

4 - Uma jovem mulher, sem filhos, atendente de balcão de padaria. Além de relatar que chora todas as vezes que ouve sobre o caso (no final da conversa estava claramente emocionada, com lágrimas nos olhos), repete por várias vezes seu horror a crimes que envolvem crianças; pensa muito em seus sobrinhos e não compreende como um futuro possa ser interrompido tão cedo. “Esta criança tinha uma vida toda pela frente”. “Como fica uma família em casos como este? Não consigo imaginar. É muito triste pensar em coisas que acabam, uma vida então... E de uma criança então? Os pais não poderão ver ela crescendo, acabando com o futuro dela”.

Compreendi que a ênfase dada ao futuro e a interrupções vinha de uma brasileira típica. Com as dificuldades da maioria dos brasileiros. Penso que, além do horror que ela disse, parece sentir-se próxima de outro horror: Que futuro esperar com tantas desigualdades sociais? Que interrupções que poderão afetar minha família e meu futuro, poderão me horrorizar também? Além de possíveis dificuldades que ela possa ter passado em seu próprio desenvolvimento infantil.

5 - Uma jovem mãe com seu filho de seis meses foi a última pessoa abordada. Preocupou-se em primeiro lugar como seria vista, pois tem certeza que muitos a assistirão. Que não era boa para falar, se podíamos treinar antes de gravar; depois pediu a “opinião” (concordância) do marido (por telefone) para filmar o filho. Lembrou que uma vez foi entrevistada por uma T.V. para reportagem sobre o rodízio (que havia esquecido do dia de sua placa) e que fora vista por muitos amigos que ligavam para, brincando com ela, chamá-la de infratora. Embora falasse bem e mostrasse-se bastante desenvolta, apenas conseguia repetir o espanto, o horror e a impossibilidade de pensar sobre o caso. “Não posso nem imaginar o que leva uma pessoa a fazer uma coisa desta”. “Não consigo entender, não dá para pensar numa coisa desta.”

Compreendi que com receios e inseguranças sobre muitas questões referentes a expôr-se e, principalmente, com um filho de seis meses, parece ser paralizante a função de pensar o fato. Talvez sinta a ambivalência típica do puerpério, ainda muito atuante, o que a aproxima muito, em fantasia, do horror ocorrido.

Armando Colognese Junior – psicanalista - Membro do Departamento Formação em Psicanálise - Professor e supervisor do Curso Formação em Psicanálise - colognesejr@uol.com.br - Fone/fax: 11 3842-6241

RECEPÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE

MARÇO/2008

Primeiramente quero cumprimentar e dar as boas vindas aos presentes, desejando um feliz ano de trabalho e de companheirismo a todos nós.

Bem vindos à Comunidade do Instituto Sedes Sapientiae, ao nosso Departamento Formação em Psicanálise e ao nosso curso Formação em Psicanálise.

Quem chega, como o pessoal do 1º ano, demora um bom tempo para se situar nesta instituição complexa e, ao mesmo tempo, acolhedora; para começar a se organizar e descobrir os caminhos que permitem buscar ajuda para as dificuldades que vão sendo encontradas, para as possibilidades de ampliar a fruição do que é oferecido.

Justamente por isso nós, da Comissão de Curso, resolvemos aproveitar este momento de confraternização e também de chegada para muitos de vocês, para esclarecer e informar qual o nosso papel nesta engrenagem.

Começamos por marcar um aspecto bem interessante que faz parte do nome do nosso CURSO FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE.

Algo lhes chama a atenção?

Saliento então que temos aí uma dupla possibilidade: o CURSO e/ou a FORMAÇÃO.

Isto pode parecer, à primeira vista, um jogo de palavras sem maior conseqüência. Porém para um psicanalista as palavras fazem sempre muita diferença, não é mesmo?

E para nós esta é uma questão bastante importante de ser explicitada, pois ao longo dessa história tão bonita que o Departamento e o Curso construíram, fomos nos dando conta de que essa dualidade contida no nome pode, por exemplo, dar margem a uma crença de que freqüentar o curso, cumprir com todas as tarefas exigidas, tirar boas notas, não exceder o número de faltas previsto, pode ser garantia de formação, para o aluno e para o professor.

Mas há uma grande diferença entre fazer um curso de psicanálise, ou se dedicar à formação em psicanálise. Só para marcar algumas dessas diferenças, um é finito; o outro não. Um é composto por matérias curriculares determinadas por professores e/ou supervisores, instituições de ensino, de avaliação, orientadores, etc; a formação, quem constrói, de acordo com as suas possibilidades internas, interesses, análise pessoal, é o sujeito-analista em processo de formação. No curso, o que é da ordem do subjetivo e do objetivo tenta garantir as aprovações (ou reprovações); na formação, quem vai se avaliando, se autorizando ou não, é o próprio sujeito, que com o seu desejo sustenta e segue em busca de conhecimentos, desenvolvimento, maturidade.

Esta preocupação dos professores com a formação dos psicanalistas que ora estão iniciando o seu percurso, fez com que algumas medidas fossem tomadas: passamos a dar maior importância à seleção dos candidatos construindo critérios mais adequados a nossa realidade e a tentar acompanhar os que estão em formação para tratar da transmissão da psicanálise de forma responsável e criteriosa.

Esse é o papel de todos os professores do Curso Formação em Psicanálise, mas é uma das tarefas mais significativas da Comissão de Curso. Durante este ano, ela é composta por 4 professores: Maria Teresa Rocco que cuida do 1º ano; eu, Beatriz Godoy do 2º; a Eliane Marraccini, do 3º e o Armando Colognese Jr. , do 4º. Portanto os alunos de cada ano têm um professor responsável a quem se dirigir para resolver os problemas ou questões que não puderam encontrar resolução, nem com a secretaria, nem com a Comissão de Alunos.

Esta Comissão tem como tarefa organizar todas as condições para que o curso funcione adequadamente, isto é, do ponto de vista acadêmico, mas também de propiciar que o processo Formação possa encontrar ambiente favorável a esse desenvolvimento.

Como a formação em psicanálise inclui um “tripé”, composto da análise pessoal, da supervisão dos casos atendidos e do estudo da teoria e da técnica psicanalíticas, nosso acompanhamento irá seguir de perto todos os envolvidos. Isso significa que a Comissão de Curso tem o papel de orientar, mas também de cobrar compromissos, atitudes, etc., sempre visando conferir à formação de cada envolvido nesse processo, o melhor resultado.

É importante salientar este papel da Comissão de Curso, para dirimir quaisquer dúvidas quanto aos objetivos desse cuidado: tratar com carinho, seriedade e ética, o que se refere à transmissão da psicanálise e à formação dos psicanalistas iniciantes, lembrando que nesse percurso, cada um tem a sua responsabilidade e o seu lugar, ocupados de forma assimétrica, mas nem por isso, menos importante.

Um grande abraço a todos.

Beatriz Godoy

Coordenadora da Comissão de Curso

2008

E-mail: biaromagodoy@uol.com.br

Pequeno Comentário Sobre Um Grande Filme

POR VERA WARCHAVCHIK

O filme 4 meses, 3 semanas e 2 dias, do diretor Cristian Mungiu, Palma de Ouro em Cannes em 2008, descreve um dia na vida de duas universitárias na Romênia de 1987. O enredo é extremamente simples: Gabi está grávida e Otília, sua colega de alojamento, a ajuda a realizar um aborto clandestino. Toda a trama se passa em cerca de doze horas, e por fim o aborto é bem sucedido. Um cotidiano relativamente calmo e seguro, também presente nos momentos iniciais do filme, retorna no final; são esses os dois momentos em que o espectador respira. Nesse percurso, no entanto, tudo se modifica; o retorno ao ponto inicial é apenas aparente, e o cotidiano que ressurge no final é o avesso do qual se partiu. O que de início era tomado acriticamente como normal e inofensivo revela em poucas horas a sua estrutura, seu horror e sua violência, que não podem mais ser encobertos. Há assim uma total inversão de perspectiva, onde sucessivamente caem as máscaras do real, impossibilitando o retorno ao ponto inicial.

Um jogo de imagens, no início e no final do filme, ilustra magistralmente esse atravessamento do real. Na primeira cena do filme, há um close de um pequeno aquário com dois peixinhos dourados. Trata-se de um aquário simples, sem adorno ou conforto, como os demais ambientes por onde transcorrem as cenas. Na cena final, Otília e Gabi jantam tendo ao fundo um enorme vidro atrás do qual se pode vislumbrar uma festa: agora são elas os peixes do aquário, separadas inexoravelmente

da festa que se desenrola no outro plano. Instala-se nesse momento o silêncio, imposto por Otilia; as palavras, redundantes e insuficientes, de nada servem frente ao que se presentificou de forma clara e brutal.

Além desse silêncio estrutural, decorrente da insuficiência das palavras, no final do dia não há mais possibilidade de diálogo entre as duas antigas amigas e cúmplices: Otilia sabe ter compreendido mais de seu mundo do que Gabi. Isso é apresentado de um modo ao mesmo tempo preciso e sutil, na última cena: Gabi aceita comer do buffet que serve a festa do outro lado da vidraça; Otilia não. Esse mesmo hiato se instala ao longo do dia entre Otilia e seu namorado, Adi, levando ao rompimento da relação. Cabe apenas à Otilia suportar a dor da lucidez perante o horror do real, sem negações ou outros subterfúgios.

O que se apresenta de modo preciso e contundente à Otilia e a nós, espectadores, é a realidade brutal dos estados totalitários do século XX: estados policiais, burocratizados, ineficientes e corruptos, que fomentam a dessubjetivação de todos que se vêem capturados em sua lógica. Agamben, partindo das propostas de Foucault e Hannah Arendt, analisa os estados totalitários como “estados de exceção” que se abrem dentro do poder soberano. Esses se constituem pela suspensão temporária do estado de direito, onde o poder deixa de incidir no cidadão, por meio da lei, para se exercer diretamente nos sujeitos – sobre sua vida nua – gerenciando seu corpo, sua sexualidade, sua intimidade, seu cotidiano. Seu paradigma é o campo de concentração ou de extermínio, onde o Estado se outorga o direito de determinar qual a vida que vale a pena ser vivida – e qual será, então, considerada resto. Para Agamben, os estados de exceção se abrem dentro, e não na exterioridade, da soberania moderna – e por isso mesmo permitem vislumbrar a verdadeira estrutura do poder do Estado moderno que é chamado, a partir Foucault, de bio-poder, por incluir a vida nos desígnios do poder. A dessubjetivação é a resultante direta disso.

As cenas que se sucedem no filme vão aos poucos desnudando a natureza violenta do bio-poder que, como dito, se sustenta à base da deshumanização e da dessubjetivação. A partir desse cerne desenrolam-se uma série de práticas interpessoais violentas, onde o que prevalece é o excesso de controle, de burla, de mentira, de abuso e corrupção. A presença ostensiva do Estado, contrapartida de sua impotência em fazer valer a lei (por tratar-se de um estado de exceção), não impede que todos vivam na mais aguda desproteção. Impera a lógica dos favores, onde aqueles que conseguem algum privilégio junto ao Estado tornam-se não apenas coniventes, mas também reprodutores, da violência estatal, favorecendo ou desfavorecendo alguns, como se evidencia nos angustiados diálogos que transcorrem no jantar na casa de Adi. Esses favorecidos - “tiranetes”, na terminologia La Boetie -, são figuras essenciais em toda tirania: agentes da reprodução e da difusão do poder soberano, eles fazem com que esse alcance os interstícios das relações interpessoais entre os súditos.

O enredo se desenrola em aceleração crescente à medida que as situações que se apresentam a Otilia a obrigam a desnaturalizar seu olhar ao cotidiano. Desse modo, o ostensivo mercado negro que impera dentro e fora do alojamento estudantil, possibilitando toda uma rede de pequenos subornos, é-nos apresentado inicialmente com certa leveza, como algo já normalizado e que vem para viabilizar e enriquecer a vida. À medida que a trama se desenvolve, Otilia começa a se dar conta de que essa é apenas a superfície festiva, e aparentemente inofensiva, da inoperância da lei, deixando todos à mercê da violência. Nesse sentido, esse filme tangencia o principal argumento de Tropa de Elite, que é a denúncia da naturalização e da racionalização de certos delitos junto à condenação horrorizada de outros, nunca reconhecidos como interdependentes e resultantes da impotência do Estado em fazer valer a lei.

O ápice dessa trajetória é o momento em que o executor do aborto declara seu preço, que é o de usar o corpo de Gabi e de Otilia para seu gozo pessoal. A redução de ambas à condição de objeto – ou melhor, o escancaramento dessa situação – é o momento no qual Otilia percebe que sempre esteve capturada numa estrutura de violência. Ela se resigna com ódio mas sem grandes conflitos morais, pois sabe que esse é apenas mais um abuso inevitável, componente de uma rede de abusos da qual ela e Gabi são parcialmente cúmplices. O aborto é então realizado.

Faz-se então necessário livrar-se do feto abortado. Gabi, que não se dá conta da realidade com a mesma clareza que Otilia, pede que este seja enterrado; ela crê que ainda lhes resta alguma dignidade. Otilia faz o que lhe dissera o agente do aborto: ela o despeja numa lixeira do andar alto de algum prédio distante, pois sabe que o feto, assim como ela, já foi destituído da cidadania e reduzido à vida nua no estado de exceção. O close no rosto do feto, assim como o título do filme, que marca seus “quatro meses, três semanas e dois dias” estão ali para marcar seu estatuto humano, condição necessária para sua imediata captura na rede deshumanizante que o reduziu a lixo, já que concebido fora dos desígnios do Estado.

Nesse ambiente dessubjetivante, o mercado negro pode também ser pensado sob outros vértices, além do já mencionado acima. Por esse mercado paralelo só circula o que é da ordem do supérfluo, moeda eficaz para sustentar a rede de subornos. Por isso mesmo, pode-se pensá-lo como meio pelo que se busca restituir algo da ordem do sonho, marca do humano. Coloca-se então a pergunta: o consumo extra-oficial desses emblemas ocidentais de luxo e feminilidade pode ser considerado como forma de resistência política à dessubjetivação? Ou será esse apenas mais uma face do bio-poder, que normatiza o corpo não apenas quando proíbe, mas também, e principalmente, quando fomenta e gratifica certas práticas da administração do corpo? A contravenção revela assim a sua natureza sobredeterminada.

La Boetie, E., Discurso da Servidão Voluntária, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1982

Agamben, G., Homo Sacer: Sovereign Power and Bare Life, Stanford University Press, California, 1998

DICAS CULTURAIS

FILMES

Na Natureza Selvagem (2007)

Com direção e roteiro de Sean Penn, o filme, baseado na obra de Jon Krakauer, assume um caráter quase documental ao investir na autenticidade das filmagens, realizadas nos pontos reais da jornada do protagonista. Embalado por uma trilha sonora tocante e inesquecível, Na Natureza Selvagem tenta investigar a natureza humana através do que ela tem de mais angustiante ao ilustrar as contradições e amarguras através do olhar do personagem e de seu encantamento diante do mundo real que, ao mesmo tempo em que o atrai, também repele.

Estamos Bem Mesmo sem Você (2006)

Depois de atuar em quase 40 filmes de cinema e televisão, o italiano Kim Rossi Stewart decidiu dirigir seu próprio trabalho num sensível drama familiar que honra as tradições do sempre poético e emotivo cinema italiano. Se em As Chaves de Casa (2004), o ator Kim Rossi Stuart interpretou um pai ausente tentando se aproximar do filho portador de deficiência física e mental, nesse filme ele volta ao tema do abandono – agora como diretor e roteirista - por um viés inusitado e pouco explorado

onde o foco recai sobre a ausência materna no centro de uma família de Roma. A trama é desenvolvida por meio do ponto de vista de Tommy, garoto de 11 anos, que vive com seu pai e a irmã. Num primeiro momento, omite-se de forma proposital qual teria sido o destino da suposta mãe desta família. A presença (ou ausência) materna é, porém, o elemento explosivo que detona finalmente o forte direcionamento dramático pelo qual o filme passa.

LIVROS

24 Horas Na Vida De Uma Mulher

Stephan Zweig

Tradução de Lya Luft

Sigmund Freud tinha predileção por 24 horas na vida de uma mulher, um dos textos mais difundidos de Stefan Zweig (1881-1942). Poeta, ensaísta, dramaturgo, romancista, contista, historiador e biógrafo, Stefan Zweig foi um importante escritor austríaco judeu. Com a ascensão do nazismo, Zweig mudou-se para Londres, Nova Iorque e, finalmente, Brasil, aonde se viria a suicidar. Nesta novela, Zweig demonstra sua habilidade para mergulhar na existência alheia e aborda magistralmente temas que lhe eram caros e que permanecem atuais, como compulsão, obsessão e paixão.